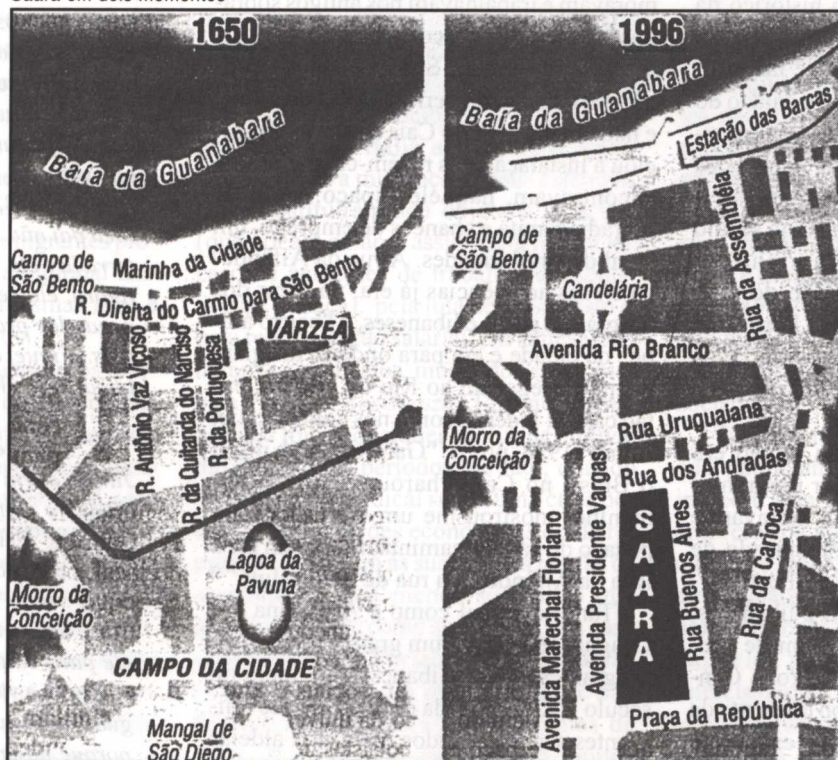


Saara...

UMA PEQUENA ONU NO RIO DE JANEIRO

Paula Ribeiro*

Saara em dois momentos



Este artigo focaliza o Saara, situado na área central da cidade do Rio de Janeiro e reconhecido, pelos cariocas, como um dos locais de comércio mais popular da cidade. Esta denominação é datada de 1962, quando a Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega - SAARA - foi criada

por um grupo de comerciantes, estabelecidos entre o quadrilátero formado pela avenida Presidente Vargas, Praça da República (Campo de Santana), rua Buenos Aires e rua dos Andradas e as transversais avenida Tomé de Sousa, ruas Regente Feijó e Gonçalves Ledo, avenida Passos e rua da Conceição.

Os comerciantes atestam que a fundação da SAARA foi uma das formas de proteger seus empreendimentos das intervenções urbanísticas projetadas pelo poder público que, na época, em nome da "modernização" daquele espaço, pretendia desapropriar imóveis e construir uma via expressa naquela parte da cidade. No entan-

to, o que é hoje o Saara constitui-se, há quase um século, local repleto de significados para um grupo de imigrantes e seus descendentes que consolidaram, ali, uma experiência urbana única no Rio de Janeiro. Fundando a SAARA, além de defenderem seus interesses econômicos e comerciais, ajudaram a preservar fisicamente o local e, possibilitaram a preservação também de sua cultura e identidade no país emigrado.

O texto tratará como Saara o espaço geográfico que respeita os limites desta Sociedade, e que desta forma ficou conhecido popularmente.¹

O Saara

O Saara, atualmente formado por 11 ruas e 1.250 estabelecimentos comerciais, é uma das regiões do centro histórico da cidade preservada pelo projeto Corredor Cultural da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Seu conjunto arquitetônico é datado do final do século XIX, mas suas ruas estreitas são uma herança urbana de uma época anterior. A rua principal e mais antiga é a rua da Alfândega, que já existia no século XVII com o nome de Caminho do Capuruçu. Esta se inicia perto do mar, onde se localizavam o Cais do Porto e os armazéns da alfândega e acaba na Praça da República, nas proximidades do que é hoje o Saara.

No início do século, esta região era majoritariamente ocupada por imigrantes de origem portuguesa que ali moravam e comercializavam no ramo de atacado de tecidos e gêneros alimentícios. Posteriormente foi ocupada por sírios e libaneses, de origem judaica e cristã, além de imigrantes judeus oriundos da Europa Central. Estes introduzem um tipo diferente de comércio na região, além de um estilo particular de comercializar. Havia, em menor número, os gregos, os armênios e espanhóis, que também viviam e trabalhavam na região. A partir da década de 60, a presença de imigrantes chineses e mais recentemente dos coreanos, transformam mais uma vez o Saara, que absorve estes novos grupos e as mudanças introduzidas por eles no local.²

Nosso interesse em estudar o Saara se dá na medida em que o consideramos um

dos espaços mais peculiares da cidade, tanto por sua configuração étnica quanto pelo seu processo espontâneo de formação, e também pela luta de seus ocupantes em preservá-lo e mantê-lo até os dias de hoje. Através do seu uso e práticas coletivas, configurou-se como um “lugar-social”, construído cotidianamente, por uma comunidade que compartilhava e compartilha de seus diversos significados. (Arantes, 1994)

IMIGRANTES SÍRIOS E LIBANESES NO SAARA

Podemos dizer que a paisagem urbana do Saara se molda no início deste século. O censo de 1906 já apontava para a presença “síria” nesta região, que fazia parte da então Freguesia do Sacramento. Era representativo o número de imigrantes que moravam e trabalhavam nos antigos sobrados, daquela que era conhecida como “parte velha” da cidade. Sua localização, próxima à Estação de Ferro Central do Brasil e não tão distante do Cais do Porto, propiciou a instalação dos recém-chegados que encontravam, naquele espaço, além de moradia barata e chances de emprego, um local de similaridades. A rua da Alfândega e suas adjacências já era, no dizer dos imigrantes sírios e libaneses, o “bairro árabe” da cidade e era para onde se dirigiam quando chegavam ao Rio de Janeiro, então capital federal, como nos conta Berliet Júnior (1988, pref.): “Gabriel Habib pisou o Brasil no Cais Pharoux, chamou um menino, mostrou-lhe um endereço num pedaço de papel e caminhando foram até a Rua da Alfândega, a rua de seu destino”.³

Tanto o Brasil como a Argentina e o Uruguai receberam um grande número de imigrantes sírios e libaneses no início do século XX. Apesar da maioria destes imigrantes serem oriundos de vilas e aldeias agrícolas, ao chegarem, se estabeleceram nos centros urbanos, notadamente Rio de Janeiro e São Paulo. Os problemas econômicos, políticos e perseguições religiosas – tanto aos cristãos como aos judeus – trouxeram ao Brasil jovens, solteiros, que tinham em comum o sonho de “fazer a América”. Isto é, enriquecer e retornar aos seus países de origem. Viviam então na região da Grande Síria – que incluía o Líbano – que, sob dominação turco-muçulmana do

Império Otomano até o final da Primeira Guerra Mundial, perseguia as consideradas minorias sócio-religiosas. Muitos chegaram ao Rio com passaporte turco e esta pretensa nacionalidade, rejeitada por eles, se tornou uma forma de tratamento pejorativa para se referir a estes imigrantes. O termo se popularizou de tal forma que a região atual do Saara também ficou conhecida como a “Turquia pequena”.

A trajetória de muitos destes imigrantes se assemelha à narrada por W. Bedran, imigrante libanês maronita, que chegou ao Rio na década de dez e a de I. Nigri, filho de imigrantes judeus libaneses, da cidade de Sidon. Ambos, ainda hoje, estabelecidos comercialmente no Saara:

“...[meu pai], tinha muitas árvores de nozes....e de fazer aquele bicho de seda... Bicho de seda, nozes, e de lauze, lauze, é,... nozes e amêndoas. E tinha negócio próprio... Tirava pra comer(...). A minha mãe veio para o Brasil... (...) meu pai não. Ela veio, ele ficou lá. Tinha... tias do papai, irmãs do papai... Então ela veio na casa deles, na Praça da República, 82. Moravam lá em cima... Meu pai não... tinha que tomar conta da terra lá e ela veio com as parentes dele... Agora, ela veio pra ganhar em dinheiro e mandar pra ele.... Eu só que vim depois. Fiquei com ela na Praça da República, 82” (W. Bedran).

“... O meu pai veio para o Rio de Janeiro em 1913, com 16 anos de idade...o motivo principal era a pobreza. Mas o fundamental mesmo era o medo, o medo como judeu. (...) Em 1911, tinha vindo uns parentes do meu pai aqui, uns primos... minha avó mandou ele para cá para ficar com os primos e começar a vida dele. E assim vieram algumas dezenas de judeus do Sidon. (...) porque na época dos turcos havia muitas guerras internas ... tinham que servir o exército por obrigação: porque eles eram libaneses. Então as mães mandavam os mais velhos ... principalmente os homens, que serviriam para a guerra, mandaram vir embora. Então veio meu pai para cá em 1913, se juntou a um tio e primos, e cada um começou a trabalhar à prestação, vendendo bugigangas nas ruas e batendo de porta em porta” (I. Nigri).⁴

Constata-se assim que, embora exista uma tendência a se considerar o Saara como um espaço árabe, composto inicialmente por um grupo étnico homogêneo, na verdade, esta comunidade se formou e, ainda hoje se mantém, como uma comunidade diversificada. No entanto, apesar de se diferenciarem entre judeus *sefaradim* – forma que se designa os judeus oriundos do Oriente Médio, Norte da África e Mediterrâneo – e cristãos maronitas, ortodoxos e melquitas, os imigrantes sírios e li-

baneses, de um modo geral, tinham mais similaridades do que diferenças. Falavam o árabe e o francês entre eles, tinham famílias numerosas e costumes parecidos como a comida, a música, o hábito de fumar o narguilé e jogar o gamão. Desta maneira, através de valores e tradições culturais comuns, constituíram, na Rua da Alfândega e adjacências, uma forma própria de viver e trabalhar. A arquitetura e a estrutura espacial do local, com ruas estreitas e casas conjugadas, também contri-

buiu para que os imigrantes e suas famílias se relacionassem social e comercialmente. Mantinham uma relação de vizinhança harmônica e era comum a participação da comunidade como um todo nos acontecimentos sociais do local, como o futebol, o Carnaval e a festa de São João. No Natal, festa cristã, e na Páscoa judaica, os vizinhos mais próximos trocavam cumprimentos e doces típicos, e nos batizados, na Igreja da Penha, comemoravam ao som do alaúde. Os passeios no Campo de Santana,



Emblema afixado por todos os associados na entrada das lojas

aos domingos, eram registrados pelo fotógrafo Mamede, e as fotos depois eram enviadas para os familiares no Oriente, com as cartas que contavam maravilhas sobre o Brasil. Perto dali, também criaram seus espaços de culto. Os judeus *sefaradim* fundaram uma sinagoga, onde rezavam os judeus do Líbano e da Síria que viviam nas redondezas; os cristãos, por sua vez, iam à Igreja de São Jorge, na própria Rua da Alfândega, onde uma das primeiras imigrantes libanesas, conhecida como Maria Turca, vendia fósforos, ou iam à Igreja do Sacramento, onde, contam, se celebrava missa em árabe.

A SAARA

A Sociedade de Amigos das Adjacências da Rua da Alfândega - SAARA - fundada em outubro de 1962, é um exemplo de como os imigrantes sírios e libaneses, cristãos e judeus, buscaram criar um espaço de convivência baseado principalmente nas relações pessoais e comerciais.

Num contexto de mobilização, os comerciantes resistiram às mudanças impostas pelo governo, que pretendia demolir imóveis e desapropriar lojas para dar lugar à avenida Diagonal, que cortaria uma grande parte do atual Saara. Lutaram para permanecer na região, criando uma entidade sem fins lucrativos, que é responsável pela representação perante os órgãos públicos, pelo serviço de segurança, limpeza das ruas, publicação de um informativo mensal, alguns programas na Rádio Saara, e pelas facilidades no carregamento e descarregamento de mercadorias. Para Blyth (1911: 67), a fundação da SAARA "configurou-se em estratégia de resistência, na medida que demonstrou a capacidade de autogestão, reforçando a coesão e reafirmando a existência de interesse comum aos comerciantes do lugar". A primeira diretoria da Sociedade era majoritariamente composta por imigrantes de origem árabe e por seus descendentes, mas há também membros das comunidades judaica, armênia e portuguesa. Nas entrevistas, apontam para a coincidência da sigla e o fato dela nos remeter "a imagens dos países árabes no imaginário ocidental" (El-

Hajji, 1994: 134). Mas, de forma criativa, usam esta sigla como seu maior *marketing*, e não são raras as propagandas com imagens de oásis, desertos, camelos, tapetes voadores e lâmpadas de Aladim.

Tornaram-se uma comunidade, não multicultural, mas sim, *intercultural*, na medida em que os diferentes grupos se relacionam e se envolvem uns com os outros, tendo objetivos comuns, compartilhados através da SAARA. No caso das diversidades, as mesmas são negociadas e lá, como dizem os entrevistados, só há guerra de preços! Com a chegada dos novos grupos, o Saara se transforma, mas incorpora as mudanças, inclusive trazendo para a diretoria da SAARA representantes dos diversos grupos étnicos.

Apesar das diversidades, os imigrantes criaram um espaço peculiar na cidade do Rio de Janeiro, como atestam, em entrevista, dois membros da SAARA:

DH. - *Aqui, predomina a coletividade árabe. Depois, vem a judaica. Depois, vêm os coreanos, os chineses. É... nós temos espanhóis, temos, é....*

ÊB. - *Gregos... Temos brasileiros*

DH. - *... que são bem-vindos. Temos brasileiros.*

ÊB. - *Tem. Tem brasileiro, temos argentinos...*

DH. - *Isso aqui é uma, é uma pequena Nações Unidas. Aqui, não se discute religião nem política. Aqui, a nossa política... é brigar pra trazer o cliente pra dentro da loja. Só. Aqui, não se discute política nem religião.⁵*

* *Paula Ribeiro é mestranda em História Social pela PUC/SP e bolsista da CAPES.*

NOTAS

1. Este texto tem como base o material de pesquisa do Projeto "Memória do Saara", desenvolvido pela Coordenação Interdisciplinar de Estudos Culturais - CIEC - da Escola de Comunicação/UFRJ e o artigo "Multiplicidade étnica no Rio de Janeiro - um estudo sobre o 'Saara'". (RIBEIRO, 1998).

2. A história da imigração para a cidade do Rio de Janeiro é pouco estudada. Os trabalhos dos brasilianistas KNOWLTON (1960) sobre imigrantes sírios e libaneses e LESSER (1989) sobre judeus no Brasil são pioneiros e servem de referência sobre o tema. Sobre os judeus *sefaradim* oriundos do Oriente Médio, Norte da África e Mediterrâneo - no Rio de Janeiro, não há quase literatura especializada.

3. O termo árabe é utilizado, no texto, para se re-

ferir aos imigrantes de origem síria e libanesa, cristãos e muçulmanos, sem levar em consideração o significado da identidade árabe para cada um destes grupos.

4. Cf. depoimentos de W. Bedran e I. Nigri. Arquivo Memória do Saara, Arquivo CIEC/ECO/UFRJ.

5. Cf. depoimentos de E. Bittencourt e D. Habib. Arquivo Memória do Saara, Arquivo CIEC/ECO/UFRJ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, Antonio Augusto
(1994) "A Guerra dos lugares - sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço urbano". In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Cidade* - n.23, pp. 191-203.
- BLYTH, Annabella
(1991) "Cristalização espacial e identidade cultural: uma abordagem da herança urbana (o Saara, na área central da cidade do Rio de Janeiro)". Dissertação de mestrado. Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2v.
- ELHAJJI, Mohammed
(1994) "Espaços da etnicidade. Estudo desenvolvido no contexto do projeto Memória do Saara". Rio de Janeiro, digitado.
- JÚNIOR, Berliet
(1988) *O romance de um imigrante: vida e obra de Gabriel Habib*. Rio de Janeiro, s.n.t..
- KNOWLTON, Clark S.
(1960) *Sírios e libaneses: mobilidade social e espacial*. Anhembi, São Paulo.
- KURBAN, Taufik
(1933) *Os sírios e libaneses no Brasil*. Sociedade Imprensa Paulista Ltda. São Paulo.
- LESSER, Jeff H.
(1989) *Pawns of the powerful. Jewish immigration to Brazil, 1904-1945*. New York University, Ph.D. dissertation.
- PINHEIRO, Augusto Ivan Freitas
(1996) *Negociar com negociantes - uma experiência no Saara*. Palestra proferida no contexto da exposição "Do Tropical Inglês ao Blue Jeans - Projeto Memória do Saara". Rio de Janeiro. Digitada.
- RIBEIRO, Paula
(1998) "Multiplicidade étnica no Rio de Janeiro - um estudo sobre o 'Saara'". *Arquivo: revista do Arquivo Nacional, - Imigração* - v.10, n.2, jul/dez 1997, pp.199-212.
- SAFADY, Jorge
(1972) *A imigração árabe no Brasil*. Tese de doutorado apresentada à FFLCH da USP, São Paulo.
- SALEM, Helena
(1991) *Entre árabes e judeus*. São Paulo, Brasiliense.
- TRUZZI, Oswaldo M. S.
(1997). *Patrícios - sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo, Editora Hucitec.
- WORCMAN, Susane
(1991) *Heranças e lembranças - imigrantes judeus no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, ARI:CIEC:MIS.